



CRIMÉA — BALAKLAVA.

Os espantosos successos d'essa tremenda lucta que está travada no Oriente têm tornado interessantes quantas noticias se referem ao paiz em que a guerra se acha mais accesa, e tem assumido um caracter mais grave, pela grandeza dos meios de defeza e de ataque que ali se hão empregado, e porque se supõe, não sem algum fundamento, que o resultado da campanha da Criméa deve terminar, pelo menos, a primeira phase da presente guerra, em que estão empenhadas as maiores e mais poderosas nações do mundo. Balaklava, sem a guerra, seria talvez quasi desconhecida no occidente da Europa. Hoje, porém, não acontece assim; porque, como todos sabem, este ponto foi, depois da batalha do Alma, occupado pelos inglezes, que pelo seu porto recebem provisões de bôca e de guerra, construindo posteriormente, para maior facilidade do serviço, um caminho de ferro da povoação até o acampamento, em frente das muralhas de Sebastopol.

Para que porém o leitor fique fazendo uma idéa do que é Balaklava, extractaremos da excellente obra do principe Demidoff sobre a Criméa o que este conspicuo escriptor diz acerca do logar tão habilmente aproveitado pelos generaes do exercito anglo-francez.

«Entre o convento de S. Jorge e Balaklava o caminho segue as sinuosidades do terreno até á formosa aldeia de Hadikoué. Então ostenta-se aos olhos o valle de Balaklava, matizado de jardins e de risinhos vergeis: inclinado para o sul o valle vae descendo

até as margens de uma bacia natural cercada de altas montanhas, na qual o mar penetra por estreita garganta; estaes no porto de Balaklava, fundeadouro sem duvida seguro para grande numero de navios, que ahi poderiam encontrar admiravel abrigo.

«Situada na costa oriental do porto esta pequena cidade não tem commercio algum: a população, composta de gregos, occupa-se na lavra dos campos... Os antigos conheciam Balaklava sob o nome de Simbolon, ou Cimbalou. Strabão cita-a como dependencia de Chersoneso, e sem reflectir nas difficuldades de execução, o illustre geographo assevera que o porto de Simbolon estava ligado ao de Chersoneso por meio de uma grande muralha. Esta muralha devia de ser obra prodigiosa, ou o auctor a suppozesse erigida em terra, ou sobre as aguas. O que não padece duvida é que este ancoradouro artificial foi primeiramente descoberto e aproveitado pelos gregos. Mais tarde os genovezes, que não eram homens que desperdiçassem o que outros não sabiam aproveitar, apoderaram-se d'esta enseada, edificando no monte que fecha a entrada da parte de leste uma vasta fortaleza, cujas ruinas ainda subsistem; e é talvez d'essa epocha que data o nome actual da cidade, que dizem se deriva de *bella chiave*. É verdade que outros etymologistas pretendem reivindicar a origem tartara, dizendo que este nome vem da voz *Balocich*, que significa *peixe*; mas que importa o nome ao que é apenas uma ruina?

«Balaklava compõe-se de um amalgama de casas bastante arruinadas, e de recintos mal defendidos por muralhas meio demolidas; uma rua principal guarnecida de lojas desertas, uma igreja, e o quartel do chefe de batalhão grego, eis apenas o que pôde mencionar-se n'esta pequena colonia de arnautas.»

Pela narração insuspeita de Demidoff bem se vê que Balaklava não mereceria chamar a attenção da Europa se não fossem os recentes successos da guerra, que, crêmos nós, não haverá ninguem que não tenha seguido attentamente.

### DESCRIPÇÃO E RECORDAÇÕES HISTÓRICAS DO PAÇO E QUINTA DE QUELUZ.

Acabadas as obras que o infante D. Pedro mandára fazer em Queluz, costumava elle passar, com toda a familia real, n'este sitio os dias, que lá grandemente festejava, de S. João e S. Pedro, e, desde meado de julho até fins de setembro, a sazão das caçadas de perdizes na coutada que d'ali se estendia para a parte de Caxias; prolongando, n'alguns annos, por mais mez e meio, a sua estada n'aquella quinta, onde no restante do tempo ia de ordinario uma vez por semana.

Consistiam aquellas festas primeiramente em funcções de igreja, nas quaes as admiraveis produccões dos mais insignes compositores de musica religiosa que sinalaram aquella epocha, Scarlati, Leo, Vinci, Porpora, Durante, Pergolezi, Marcello, Jomelli e Perez, superlativamente regidas por este, ou pelo não menos habil e imaginativo (1) mestre de capella João Cordeiro da Silva, eram executadas com refinado esmero pelos melhores musicos que até então ouvira e admirara a nossa cõrte, sobrepujando a todos o triple Caffarelli, o contralto Geziello, o baixo profundo Pucci e o tenor Raff, brilhando tambem ali, com o esmalte do talento, não menos grato aos ouvidos, e que tanto singularizou Vieira, e se foi então generalizando nos nossos oradores sagrados, de pintar os objectos por meio dos sons, creando pela harmonia imitativa expressões vigorosas dos sentimentos d'alma, a verdade e viveza de imagens dos padres Gabriel Ferreira do Rego, e Manuel de Macedo; a delicadeza e força de raciocinio de Frei Joaquim de Santa Clara; a eloquencia maviosa e pathetica do modesto (2) Frei Luiz do Monte Carmello; o genio ardente e o colorido energico de Frei Joaquim Forjaz e de Frei José de Santa Rita Durão, ambos enriquecidos de toda a flôr da mais bella oratoria e poesia; e a boa e bem accionada expressiva do inimitavel, e a todas as capacidades accessivel e acceito, Frei João Jacinto.

Nas tardes d'estas solemnidades, e segundo o uso mourisco, que ainda voga entre nós, de casar exercicios espirituaes com outros quasi marciaes nas grandes festas do campo, haviam cavalhadas, ou touros, divertimentos mui saborosos a el-rei D. José e ao infante D. Pedro, e que o bom valido de ambos, e a

(1) David Perez desmaiou por ver n'uma das meias uma noção vermelha, que lhe pareceu de sangue, e que depois se viu que era de azarção: João Cordeiro attribuia uma febre cataral que teve á impressão do vento que a excellente condeca da Ribeira Grande, D. Marianna d'Almeida, que era sua discipula, lhe fizera, virando rapidamente n'uma lição as folhas d'um caderno de musica.

(2) Este douto e virtuoso carmelita descalço não quiz, por summa humildade do coração, accetar o cargo de confessor da princeza, depois rainha D. Maria I.

todos amavel, marquez de Marialva serenamente dirigia, tanto em razão do seu cargo, de estribeiro-mór, e pela sua pericia na arte da picaria, (que elle com o favor real fizera reflorecer em Portugal por via de Bartholomeu Bertholdo, trazido de Hespanha pelo conde d'Obidos) como pelas tradições que conservava da maneira com que na cõrte antiga se faziam estes jogos, que elle ensaiava, e em que por vezes entrava, tendo parte n'elles o agigantado Antonio Xavier, por antiphrase chamado o *Antonico*, e outros excellentes picadores, com quem concorriam alguns filhos do marquez, um dos quaes foi, annos depois, n'uma d'estas carreiras, por imprudencia sua, arrebatado da saude á morte em presença de seu pae e d'aquelles principes (1).

Depois de anoutecer, illuminava-se a fachada do paço para o lado do jardim, que tambem era allumiado, assim como o parque; e havia algum entre-timento musical; terminando alta noute, por um vistoso fogo de artificio, que se repetia nos anniversarios dos nascimentos d'el-rei e do infante, estes festejos, em que o rigor da etiqueta era algum tanto adoçado, e que, por isto, e pela variedade e magnificencia dos espectaculos, attrahiam muitas pessoas differentemente notaveis, que os annos vão enrolando em deslembrança, entre as quaes avultava o nosso mais famoso estadista, que os embates de paixões contrarias não permittiram que fosse pelos seus actos e á luz da razão julgado imparcialmente pelos seus coevos, e que a luz da historia, que allumia os heroes, mostrasse até aqui no seu verdadeiro ponto de vista aos vindouros.

Offerecendo-me esta concorrência campo de fixar em toda essa gente muita e não vulgar o pensamento dos meus leitores, passarei a traçar aqui as diversas figuras do meu painel com rasgos tirados dos toques d'alguns bons pintores que as retrataram ao vivo, (2) n'uma como revista, ou vista panoramica, que vou fazer, do ultimo d'aquelles luzidos ajuntamentos que houve no memoravel e actioso reinado de que se trata; representando-as no ponto (que me pareceu mais vantajoso para as pôr em perspectiva) em que as pessoas reaes recebiam os obsequios d'aquella assembléa matizada de tantas e tão differentes cores; quadro historico, que assim como, ainda que saia bem, não pôde, pela declaração que acabo de fazer, vangloriar-me, como Byron, de pintar bem o que não vi, tão pouco deve ser envolto com o tropel que vemos de *Memorias*, de cousas que todos sabem, e de *Retratos* que se não parecem com ninguem.

Tinha-se atermado com a luz do dia 29 de junho de 1772 uma das mais gostosas corridas de touros que se viram em Queluz, e já o povo galhofeiro, esquecido de que tinha que lidar a vida n'outro dia, se apinhoava na area onde incommodamente havia lograr o para elle unico recreio nocturno, em quanto a gente grada, com menos effusão d'alma, enchia a espaçosa *Sala das Serenatas*, quando n'ella entrou, e foi occupar com brilhante acompanhamento o estrado levantado, quasi no tópo, onde depois assentava o throno nas audiencias da rainha D. Carlota Joaquina, a familia real, que então se compunha das

(1) Alludo ao triste fim do conde dos Arcos D. Manuel José de Menezes, victima da cornada de um touro, que elle correu no largo do Paço da Murteira.

(2) Além das recordações que eu tinha de muitas cousas que na minha mocidade me contaram no proprio lugar em que se passou a scena que vou pintar varias pessoas de bom juizo que a ella tinham sido presentes, tirei não poucos esclarecimentos das correspondencias do conde de Clermont d'Amboise, então embaixador de Franca em Lisboa, com a sua cõrte.

peçoas seguintes: el-rei D. José, mais avelhantado pelas molestias, que pelos annos, mas ainda desempenado e magestosamente airoso, encobrimdo, debaixo da pompa e apparencia de felicidade, que causam tantas invejas, as amarguras interiores, que o vulgo dos homens não lê nos semblantes, e que desde o principio do seu governo lhe punham o coração: (1) a rainha D. Marianna Victoria, em cujas formas, d'antes engraçadas sem belleza, e então já damnificadas pelo tempo, se viam marcadas a decisão e a firmeza, unidas á vivacidade castelhana, e á tocante urbanidade dos Bourbons: a formosa, suavemente senhoril, e já pensativa princeza D. Maria Francisca, cercada dos tres fructos do seu consórcio, o principe D. José, dotado de uma belleza afeminada que não condizia com o seu animo varonil, e a linda infanta D. Marianna Victoria, que trazia sempre o coração no rosto, ambos cortados em flôr, e o infante D. João, tenro na idade e compleição, que havia de succeder a sua mãe no throno: a infanta D. Marianna Josefa, segunda filha d'el-rei, na qual, em vez das attractivas graças exteriores do corpo reluziam a bondade interior da alma, e um grande talento para a pintura e para a musica: a infanta D. Maria Francisca Benedicta, muito mais gentil, alegre e desembaraçada, que a princeza sua irmã mais velha, com cujo primogenito, que tinha apenas metade da sua idade, casou, debaixo de mui tristes auspícios (2) d'ali a cinco annos, e só foi desposada onze: finalmente o infante D. Pedro, irmão e genro d'el-rei, e em contrario d'este, desornado de dons e prendas brilhantes, e até desataviado no trajo, mas (por me servir da phrase com que um historiador nosso pintou outro infante), (3) *domestico, lhano e chão*; ajuntando-se n'elle estas e outras boas qualidades e muitas virtudes privadas com algumas maneiras e preoccupações inurbanas, que lhe davam visos de um homem bom do povo.

Logo que aquellas altas personagens entraram na *Sala das Serenatas*, adiantou-se a todos em cumprimento-as o corpo diplomatico, composto do nuncio Conti, ultimo descendente de uma familia do antigo patriciado romano, e sobrinho de Innocencio XII, que tambem foi nuncio em Portugal, onde aquelle prelado, entendido, bem intencionado, e largo de condição, grangeou a estimação do marquez de Pombal e de toda a côrte: (4) do marquez de Almodovar, embaixador e grande d'Hespanha, mui curto dos nós, e mais dado aos prazeres que aos negocios, d'onde um dos seus collegas veio a dizer que elle levava aqui a vida regalada d'uma duqueza italiana: de mr. Walpole, embaixador d'Inglaterra, que, pelas suas ma-

neiras insinuantes, era tratado pelo primeiro ministro com mais agasalho e agrado que o antecessor d'aquelle representante britannico mr. Littleton, homem de espirito, saber e graça, mas a quem a natureza deu um exterior frio, e que fallava com uma lenteza fastidiosa e ridicula: do cavalheiro Lebzeltten, ministro d'Austria, geralmente bemquisto, e tão prudente informador, que deu, em officio secretissimo e cifrado, á sua côrte a noticia, que ella conjuntamente teve por todas as gazetas, do grande terremoto de Lisboa: de mr. de John, ministro de Dinamarca, pobre como Job, e, por cumulo de miseria, vaidoso como um pavão: do conde Macedonio ministro de Napoles, pessoa mui sisuda, mui doce no trato, e muito amada e considerada de todos: do conde Marini, ministro de Sardenha, diplomata lido e fino, que todavia não foi então mais feliz na sua negociação do casamento do principe D. José com uma princeza sarda, do que na sua mediação em 1766 para evitar a quebra da nossa côrte com a de Roma: de mr. Saurin, ministro de Hollanda, espirituoso, e de boa companhia, com o senão de ser apertado de mãos, (1) e mui feliz ao jogo: do barão de Stockler, ministro apreciavel, e gratuito da Prussia, que, por esta circumstancia, e pelas poucas relações que então havia entre aquelle reino e o nosso, se esqueceu n'uma occasião de que tinha aqui um agente politico: de mr. de Montigny, encarregado de negocios de França na ausencia do embaixador marquez de Clermont de Amboise, e, contrariamente a este, e a não poucos dos seus compatriotas, muito justo ponderador das cousas, e (o que nos francezes é raro) fallando mui bem portuguez; e, por fim, do sociavel mr. Kantzow, agente geral da Suecia, que n'um tempo instavel, e n'uma carreira em que os empregados tão frequentemente mudam de terra, se conservou por mais de meio seculo no mesmo posto, e o deixou como que vinculado á sua familia. Em seguimento d'estes chefes de missões vinham o fino abbade Antonini, e o sincero conego Consalvi, o primeiro auditor e o segundo abreviador da nunciatura, ambos bem vistos na côrte; o cavalheiro Lardizabal secretario e verdadeiro director da embaixada d'Hespanha; e mr. Hort, consul de Inglaterra, que, sem caracter diplomatico, zelava com tanta intelligencia como dignidade os interesses do seu paiz, e a quem as suas contínuas e mui singulares distracções, de que em vão procurou corrigir-se, davam por vezes um ar brusco e altivo que o seu bom natural desmentia (2).

Detraz da familia real estava a discreta duqueza d'Abrantes D. Anna de Lorena, camareira-mór da

(1) Metastasio, em cujos lindos versos se encontram tantas sentenças, disse, com elegante juizo, na sua bella lingua, o engenhoso pensamento que me suggeriu estas reflexões, e que Menandro, Philemon e Euripides, tão bons dramaticos, como philosophos, já tinham exprimido em grego; e que passo a citar:

Si a ciascun l'interno affano  
Se leggesse in fronte scritto,  
Quanti mai che invidia fanno  
Ci farebbero piétá.

(2) Este casamento foi feito nos ultimos dias de vida d'el-rei D. José; e a côrte chamada á pressa para na camara real assistir áquella cerimonia, foi quasi toda armada para se oppôr á renuncia, que então se espalhou, da que a princeza herdeira forçadamente faria, n'aquelle mesmo acto, dos seus eventuaes direitos á corôa, em favor do seu filho mais velho.

(3) Garcia de Rezende fallando do infante D. Duarte.

(4) O marquez de Clermont d'Amboise faz uma infielmente triste pintura d'este estimavel prelado por ter sonhado que elle estorvára o projecto de casamento de uma princeza de França com o principe D. José.

(1) Este diplomata, que era tão gotoso como avaro, comprou de meias com um agente consular do mesmo estofa um porco ao qual com frequentes sangrias tiravam o sangue para d'elle fazerem chouriços, e que em breve tempo morreu exinrido.

(2) Contam-se d'este consul, entre milhares de distracções que parecem incriveis, as duas curiosas anecdotas seguintes. Indo elle um dia visitar mr. Saurin, e figurando-se-lhe durante a visita que era elle quem em sua casa recebia aquelle ministro, cuja companhia, passado algum tempo, começou a infastialo tanto como a sua tambem principiou a ser pesada ao visitado, que, estando morto por jantar, não tinha animo para offerecer ao hospede a sua meza, levantou-se este, mal viu apparecer a porta da sala um criado, que tomou pelo seu, e a quem pediu que o livrasse d'aquelle pegamaço, o que elle promptamente fez dizendo-lhe ás gargalhadas, por perceber o engano, que pegasse no chapéu, e que fosse para sua casa. Outra vez, visitando a camareira-mór da rainha, que ha muitos annos tinha enviduado, pediu-lhe com grande interesse noticias do marido, que elle não tinha conhecido, e respondendo ella, que infelizmente o tinha perdido, reperguntou elle com a mesma seriedade: e quantos lhe ficaram?

rainha, e a marquezia de Villa Flór, câmareira-mór da princeza, e aia de seus filhos, unicas senhoras que ali faziam cõrte, por não costumarem as damas ir n'estes dias a Queluz; seguiam-se o sr. D. João, filho natural do infante D. Francisco, legitimado por graça d'el-rei D. João V, e que, sem ser homem de mar, nem de marca, era mordomo-mór d'el-rei e da rainha, e chefe nominal da marinha, vesgueando no sentido moral, como no physico; os quatro camaristas d'el-rei, que eram o nobre, doce, e sympathico marquez de Marialva, digno chefe de uma familia popular e beneficente, o manhoso marquez d'Angeja, que da privança com el-rei fazia escudo contra as iras do potente ministro, e degrau para subir sobre a ruina d'elle; o velho marquez d'Alvito, a quem a natureza compensou a escacez de certos dons com um gesto grave, serio e decoroso, que, pelo respeito que infundia em todos, mostrava o muito que com elle se suppre, e a carencia, ou vazio, que com elle se enchê; e o moço e garboso conde do Prado, que pouco antes defendêra el-rei contra a furia de um rustico insensato, e assalvado: (1) os cinco veadores da rainha; o conde de Val de Reis, seu estribeiro-mór, e que, com uma angelical mansidão se não lembrava de nada e tinha medo de tudo; o conde d'Azambuja, seu irmão, muito teimoso, e tão pouco brando, que os bahianos, que elle governou, lhe deram o sobrenome de *onça*; o conde d'Aveiras, dado ao mister de governar os novos carrinhos ligeiros d'arruar, que a moda introduzira então em Portugal, e que, ao dizer da rainha, era o seu forte, e o seu fraco; o visconde de Villa Nova da Cerveira D. Thomaz Xavier de Lima, mui lido, liso, probo, isento e generoso, qualidades que cinco annos depois o elevaram ao poder, e que, ainda mal, foram frequentemente neutralizadas pela sua grande indecisão, filha da desconfiança que elle tinha de si mesmo, e pela sua nimia boa fé nascida da falta de conhecimento dos homens; e o gotoso marquez de Fronteira, que com os seus finos e subtis epigrammas censurou successivamente com muito sal, e bastante siso, duas administrações oppostas; cerrando esta fila cortezan os tres camaristas, então de serviço ao infante, (2) o conde de Povolide, e D. Vasco Manuel da Camara, que no paço puderam, em tanta paz, esquecer o mundo, e esquecer-lhe, e o conde da Ponte, homem de letras e de cõrte, mui notavel pela originalidade de seus pensamentos, e pela facilidade com que sabia pintar uma situação com um dito.

Ao lado d'el-rei assistiam-lhe immotos o suave e tímido cardeal patriarcha, seu amigo desde a infancia, e instrumento e victima, rara vez recalitrante, das desforras reformativas com que o marquez de Pombal, no seu furor anti-jesuitico, se vingava de algumas opposições da curia romana, e o ainda mais medroso e malleavel, mas menos limpo de coração, cardeal da Cunha, verdadeiro catavento politico, impellido pelo sópro da fortuna, e em quem o potente ministro, por uma illusão que reconheceu tarde, accumulou um sem numero de empregos e dignidades. A estas eminencias agachadas seguia-se o, em letras e animo, eminentissimamente superior a ellas, principal Almeida, que tinha officiado a missa, e não estava vestido de vermelho por ter fallado claro.

1. Alludo ao caso, pouco antes acontecido junto a porta dos Nos em Villa Viçosa, de um carreteiro louco que, querendo dar com um pau em el-rei D. José, descarregou com tanta força o golpe, que o conde do Prado aparáu, que lhe quebrou um anel de brilhantes que trazia no dedo.

2. O erudito conde de S. Lourenço, outro camarista do infante, estava a esse tempo preze.

Abaixo d'este prelado, viam-se os seus collegas Botelho, mui conhecido pelos seus motejos e versos satyricos, Vasconcellos, cuja falta de prendas de corpo e de animo estava bem caracterizada na alcunha que lhe puzeram de *principal padre*, e Gonçalves da Camara, que tambem era companheiro d'este no jogo d'el-rei, com a differença de não ir, como elle, mesquinamente emparelhado por especulação com o hollandez João Bus.

No espaço entre o estrado occupado pela familia real, e a porta que abre para o corredor contiguo, estavam os officiaes-móres e menores, e outras pessoas empregadas no serviço do paço formando diversos grupos, onde se via o sagazmente picante conde de Rezendé de punhos espetados, e apertado como um punho, fazendo trocadilhos de palavras para que as suas pudessem ser tomadas em dous sentidos; o jovial e engraçado mestre-sala D. Antão d'Almada; o vesgo monteiro-mór, sem letras, mas desbancando em tretas todos os innumerados ciganos que acoutava no seu palacio da calçada do Combro; o surdissimo conde de Soure, provedor da casa das obras, casado com a excellente filha dos marquezes de Marialva D. Maria José dos Santos e Menezes, cuja engraçada formosura foi com o nome de *Marcia Bella* celebrada nas primeiras modinhas finas portuguezas que por esse tempo compoz e depois publicou sob o pseudoanonymo de Lereno o doutor Caldas Barbosa; o quasi invisivel e ignoto védor conde de Redondo, sem maneiras finas, mas com qualidades optimas, todo mettido por dentro e sumido na humilde occupação de trabalhador do seu jardim, em quanto sua bella, espirituosa, e em tudo estimavel esposa, pela graça e elegancia com que fazia as honras da sua casa a uma companhia de pessoas escolhidas, contribuia, para urbanisar e civilisar a nossa cõrte; o esmoller-mór Frei Manuel de Mendonça, que, em contraposição a esta dama, sustentava ardidamente, contra todos os elementos de civilização que nos iam policiando e polindo, a triste reputação que os seus confrades tinham de dizer parvoices; o então bispo de Penafiel, onde nunca foi, e depois arcebispo de Thessalonica, onde não podia ir, D. Frei Ignacio de S. Caetano, confessor da princeza, a quem, mais com mau modo, que com sciencia, tirava os escrupulos, e que, por não poder deixar, ou não querer perder este habito, tratava a todos com a mesma grosseria; Frei Mathias da Conceição, confessor d'el-rei e do principe, tendo e dando-se mui pouca importancia, inoffensivo, e macio; o chamado *Grillo-mór* tão valente reformador dos seus frades, como trememente confessor da rainha, e que, para não ir ao paço, a fim de se não cõmprometter, quando ella não estava bem com o famoso ministro, obrigou, estando em perfeita saude, um cirurgião a mandal-o sarjar, sacramentar e ungir; Frei José Mayne, mui instruido amigo e confessor do infante, e a cujo esclarecido e fervente zelo se devem as bellas colleções scientificas, litterarias e artisticas, e outras preciosidades que a nossa academia achou no bello edificio que a magnificencia real lhe franqueou, e que d'antes era a casa principal dos religiosos terceiros de Jesus; o desembargador José Alberto Leitão, corregedor do crime da cõrte e casa, magistrado limpo de mãos e de respeito; Mauricio José Teixeira de Carvalho, homem mui hourado e, d'aquelles em quem o desejo de bem servir e a muita rotina, suppre em muitas occasiões ao juizo; Pedro José da Silva Botelho, thesoureiro do bolsinho, que com o mais apurado gosto tinha a direcção da musica; Estevão Pinto de Mo-

raes Sarmiento, guarda-joias e tapeçarias, que na sua larga carreira justificou amplamente a inteira confiança que n'elle tinha posto el-rei; Miguel Franzini, mestre de mathematica do principe, contando ao facil medico Matta a resposta que acabava de dar a um reposteiro que lhe perguntou se por Veneza passava o Danubio; (1) e finalmente o original Feliciano Marques Perdigão, mestre de escripta do principe e do infante D. João, murmurando em voz baixa com o sisudo Antonio Domingues do Paço, mestre de ler, e com o guarda-roupa João Lucas de Barros, que dava themas para os sermões burlescos de Bento Antonio, da pertinacia d'aquelle joven infante em não querer escrever o nome da rainha sua avó sem y. Feliz tempo em que uma questão de orthographia occupava as atenções dos homens da cõrte com o mesmo ardor com que hoje se discutem questões não menos problematicas de economia politica nas assembleas legislativas. (2) Vendo-se por ultimo tambem ali n'um grupo o doutor Manuel da Silva Moreira Paisinho, que, não sendo bem fallante, era um dos medicos mais habéis e atinados, e o doutor Feliciano Antonio de Oliveira, que, sem ser tão feliz na arte de curar, passava pelo melhor conversador, talento particular que entre nós e em toda parte, se perdeu, como muitas outras velhices: Antonio José Soares, cirurgião-mór, Pedro Alvellos, destro e expertissimo operador, e Manuel Constancio, que em Portugal foi no seu tempo o pae da anatomia. O nosso primeiro estatuario Machado, e Francisco Vieira, a quem o seu incontestavel talento artistico tinha feito pintor da camera, o seu amor conjugal fez poeta d'agua doce; e o beneficiado Vaz Velho, capellão d'el-rei, e que não tornando depois da morte d'este a acompanhar a familia real nas suas jornadas, dizia: Eu já fui o *padre Vaz*, hoje sou o *padre fica*.

No grande espaço que havia desde o meio até ao fim da sala em que as pessoas reaes recebiam esta numerosa companhia, estavam repartidas pelos varios grupos ali formados muitas notabilidades de diversas profissões e ordens. Da magistratura, de que o infante era grande honrador, viam-se o seu, pelo predicamento, e não pelos predicados, conspicuo secretario do estado João d'Oliveira Leite de Barros, e o esperto e experimentado José Ricalde Pereira de Castro, pessoa mui influente na casa do Infantado, aos quaes, além d'aquellas provas de confiança que lhes dera, fazia, cuidando em attenção a serem ecclesiasticos, a ainda maior e em todo o sentido mais graciosa mercê de os ter em conta de santos; os a todos os respeitos mais sisudos e mui habéis juriconsultos Bartholomeu José Nunes Cardoso Gerales, secretario do estado da rainha, e o irmão d'elle Francisco Antonio Marques Gerales, a quem o chefe do ministerio não só estimava, mas respeitava muito; Gonçalo José da Silveira Preto, que a um profundo e variado saber e a uma grande pratica de negocios unia uma clareza de idéas e de expressões que fazia um perfeito contraste com o mais que pessimo talho de letra que tinha, e que fazia que as suas informações e consultas cansassem os olhos e as paciencias nas diversas repartições onde iam; João Xavier Telles, que sobre os seus vastos conhecimentos juridi-

cos, tinha o dom, então rarissimo entre nós, de fallar quasi todas as linguas; e Antonio Cardoso Seara, que se tinha distinguido como lente de leis, e que o infante estimava pela sua amenidade e pureza de costumes. A carreira militar, em que o conde de Lippe e a campanha de 1782 tinham formado tantos officiaes distinctos, estava ali apenas representada pelo velho general marquez de Tancos, pelo rigido Macklean, governador das armas da cõrte e provincia da Extremadura, e pelos principes de Reuss e Mecklembourg e o altissimo conde de Oyenhausen, que seu cunhado D. Pedro de Almeida dizia que havia de ir a enterrar n'um corredor, pelo major Berman, cujo grande nariz abriu a veia poetica de Nicolau Tolentino (1) e por mui poucos militares portuguezes de pequeno vulto, estando então a maior parte d'elles empregada nas nossas fronteiras ameaçadas de guerra, ou guerreando no Brazil. Uma outra milicia, já a esse tempo quasi que puramente de nome, a ordem que ainda se chamava de Malta, de que o infante tinha sido grão-prior, estava tambem ali mui bem figurada em trajo apaizanado pelo pacato balio Duarte de Sousa, mui bem visto d'aquelle principe, e pelo pachorrento commendador Vilhena que correu quasi toda a Europa casualmente.

As boas letras que sempre tiveram cabimento nos paços, e as sciencias naturaes que n'aquelle reinado se aclimaram no nosso paiz, estavam n'esta assemblea symbolizadas por José Isidoro Olivieri, reitor do novo e real Collegio dos Nobres, mui distincto humanista, rico de tradições de instrucção classica da escola paduana, onde tinha sido professor de latinidade; e Domingos Vandelli, que o Dioscorides do norte, Carlos Linneu, tinha inculcado ao nosso governo como um eximio naturalista.

Tambem n'aquella sala as musas portuguezas, bem que estremecidas com o injusto e cruel encarceramento do poeta preeminente a todos os do seu tempo, Garção, que, em delicadeza, podia rivalisar com Horacio, presentavam uma pleyada poetica em que brilhavam Diniz, imitador de Anacreonte e de Pindaro; Gonzaga, que com graça natural e ingenuo pincel fez os mais lindos paineis da belleza e dos amores; José Basilio da Gama, que no genero descriptivo, e na pureza da linguagem poz o risco por cima de todos os vates do seu tempo; João Xavier de Mattos, que, devendo mais á sua natural disposição do que aos seus estudos, agrada pela doçura da sua versificação, e pela singeleza com que pinta as madrugadas, os rios, os tempos, e outras magestosas e invariaveis scenas da natureza; e outros gentis pastores, que as sete irmãs enlouraram, da Arcadia lisbonense; o nosso jovialissimo e tão popular Nicolau Tolentino d'Almeida, já empossado e captivo da cadeira de rhetorica contra a qual elle tanto declamou nos seus versos; Antonio Ribeiro dos Santos, ainda mui moço, e já conhecido por algumas poesias impregnadas de sensibilidade, e cheias de harmonia, que o faziam emulo de Ferreira; José Anastacio da Cunha, tão bom mathematico, como poeta, bem que a sua phrase não seja sempre portugueza castiça; o fluente Paulino Cabral, o faceto padre Braz, o amo-

(1) Este poeta, vendo pela primeira vez nos seus primeiros annos o extraordinario nariz d'aquelle official suizo compoz a seguinte quadra até hoje inedita:

Inda Berman discorria  
Pelas cõrtes estrangeiras,  
E já nas nossas fronteiras  
Parte d'elle apparecia.

Versos que aquelle a quem eram dirigidos, por não saber a lingua, tomou por um grande comprimento.

(1) «Quando de lá sai ainda não tinha passado.»

(2) A mania de questionar não digo sobre letras, mas sobre palavras, ainda não tinha passado de todo ha vinte e nove annos; pois que, quando em maio de 1826 se tratou no Rio de Janeiro da confecção da carta constitucional portugueza, gastaram os ministros não menos de quatro dias em discutir quem havia de escrever aquelle documento, e se n'elle se devia dizer que fóra *registrado* no livro *competente*, ou no *competente* livro.

roso Caldas, o mordaz Lobo; Mathias José Dias Aze- do, Theotónio Gomes de Carvalho, Cúvo Semedo, e os dous Malhões, que tinham uma solida erudição, entremeciada de todas as flores e elegancias das mus- sas mais amenas e risonhas.

Finalmente, n'um vão da sala, onde, quando ha- via serenatas, se collocavam os musicos, estava o mar- quez de Pombal, e os seus tres collegas, o talentoso, intelligente e expedito de negocios José de Seabra da Silva, seu ajudante; o velho, enfermo, e automa- tico D. Luiz da Cunha, sobrinho do celebre estadis- ta do mesmo nome e appellido; e o honrado, zeloso, independente, e assomado Martinho de Mello e Cas- tro, que fôra chamado para o governo por especial escolha do soberano; travando a primeira d'estas per- sonagens conversação com o sabio, e em todas as materias primaz, D. Frei Manuel de Cenaculo, en- tão bispo de Beja, vogal da junta de providencia lit- teraria, e director da educação do principe, e o gra- ve, quasi que diria austero, profundamente douto, ou antes thesouro inexhausto de sciencia, João Pe- reira Ramos, procurador geral da corôa, honra da universidade e da toga, e que, para me servir de uma expressão de Cicero, era a propria lei fallando. Mui de proposito deixei para o fim o retrato moral do fa- moso ministro (cujo nome lá por fôra anda a par do de Camões) por isso que as suas feições mal podem ser pintadas de corrida no fio da gente que acabo de descrever n'esta revista.

Era elle assás erudito, e dotado de uma eloquencia natural, fallando, que contrastava com o estylo asiati- co e diffuso dos seus escriptos; tinha uma energia de character que seduzia e dominava todas as pessoas que o cercavam, e uma firmeza e constancia que o faziam seguir com coragem, luctando com os maiores obsta- culos, e com permanencia nos seus sentimentos, to- dos os seus designios. Seguindo as pizadas de Riche- lieu, Mazarino e Alberoni, parecia-se com o primei- ro na altivez e implacabilidade, com o segundo na subtilidade e na astucia, e com o terceiro na obstina- ção e na audacia. Dirigindo com mão firme os nego- cios interiores e exteriores d'este paiz, tinha tambem a penetração de espirito necessaria para conhecer e escolher os homens de que se havia de servir, e pa- ra aproveitar as occasiões favoraveis para conseguir os seus fins. Apesar da violencia de suas paixões, ti- nha elle, quando lhe convinha, força para as domar e mostrar-se imperturbavel e senhor de si. Simples no seu porte, polido em suas maneiras, agradavel e até jovial na conversação, tinha para cumulo de fe- licidade este ministro uma excellente constituição physica, que cousa alguma podia alterar ou sacudir, d'onde vinha que elle, quasi octogenario, fazia, por se ver n'aquella idade tão são de corpo e de espirito, vastos projectos que seus filhos difficilmente pode- riam ver executados, e concluidos. A prensa, e a opinião oral dos differentes partidos, rara vez jus- ta, e sempre apaixonada, usou largamente do seu di- reito com relação ao marquez de Pombal, que sen- do tido pelo principe de Metternich em conta de ni- miamente liberal, era por Laffayete julgado um qua- si tyranno, bem que consummado estadista. Estes juizos oppostos de dous homens de diverso sentir ex- plicam-se mui bem considerando que cada um d'es- tes homens via aquelle ministro pelos seus prismas; o que porém se não entende e custa a crer é que in- censem a sua memoria homens que elle, se viesse ou- tenta annos mais tarde, haviam, se o não matassem primeiro, arder em fogueiras, como succedeu ao po- bre e demente padre Malagrida. A verdade, porém,

que é a alma da historia, quer que se diga, que foi Pombal quem ergueu d'entre ruinas, e amplificou Lisboa; que a universidade, onde as sciencias que en- tão ali se ensinavam eram cultivadas sem ardor nem discernimento, foi por elle senão perfeitamente, ao menos grandemente reformada; que elle fundou col- legios e aulas onde a nobreza, o exercito, a armada e o commercio aprenderam a ser uteis ao rei, á pa- tria e a si: que foi elle que, pela boa organização que deu a todas as diversas estações, estabeleceu uma excellente escola de empregados publicos; que elle povoou os tribunaes de homens do mais alto con- selho; que dotou o paiz de mui sabias leis, e que, até certo ponto, protegeu a agricultura; que ani- mou as artes, e a bem dizer creou e defendeu as nos- sas manufacturas, bafejando todos os generos de in- dustria; que a elle se deve a organização do nosso exercito, a segurança e melhoramento das nossas colonias, e a resurreição da nossa marinha; que foi elle quem estabeleceu o melhor systema de arrec- dação das rendas publicas, ao qual ainda hoje se agar- ram os seus successores para não caírem; finalmen- te, (o que para mim vale mais que tudo isto), que foi elle um defensor acerrimo da independencia na- cional e da integridade da nossa monarchia, que el- le com uma força d'animo admiravel e admirada dos seus proprios inimigos, defendeu sem o auxilio da nossa antiga alliada, contra as ameaças de Hesp- anha e de França, estando já ás portas da sua mor- te politica. A historia dirá se os ministros que de- pois d'elle tivemos, sendo mais favorecidos pelas lu- zes do seculo, preencheram melhor que elle os vo- tos do paiz. A fidelidade e imparcialidade com que escrevo pedem que eu, depois de pintar tão bellas feições, não encubra a grande macula que sobre o marquez de Pombal deitaram as cruas execuções, que se fizeram no principio do seu ministerio, e a oppressão que durante todo elle soffreram as nossas liberdades religiosas, litterarias e politicas. Mas quem negará que muitos dos seus successores, fazendo-nos as mesmas subtracções, não nos deram em troca o menor beneficio? Mas, quem negará que alguns d'es- tes excessos foram provocados pela relaxação em que o marquez achou Portugal, e que muitos dos seus suc- cedores subtrahiram, sem causa, aquellas mesmas li- berdades, não dando em troca cousa alguma?

A um signal dado por el-rei, transformou-se a sa- la de recepção em theatro; e debaixo da direcção do já quasi cego David Perez, representou-se a peça de Metastasio intitulada *Il Parnaso confuso*, posta em musica por Gluck, depois da qual houve um grande fogo de artificio.

MARQUEZ DE REZENDE.

## HYGIENE.

### DO USO DA FLANELLA SOBRE A PELLE.

No meio das alterações atmosphericas do nosso cli- ma, e especialmente durante a estação actual, (1) através das constantes variações de temperatura a que todos estão forçosamente sujeitos, é indispensavel e urgente recorrer a algum meio preservativo; ora o melhor, o mais commodo é incontestavelmente o uso da camisa de flanela sobre a pelle.

Todos os que já de ha muito fazem uso da flanel- la conhecem necessariamente os seus bons resulta-

(1) O illustre auctor escrevia em novembro de 1854.

dos; mas os que a não usam carecem, sem duvida, para poderem apreciar toda a utilidade d'esta precaução hygienica, de uma pequena explicação.

A lã isola, para assim dizer, os corpos a que serve de envolucro; isto é tão verdade que o melhor meio de conservar gelo, durante os mais calmosos dias do verão, é embrulhal-o n'uma pouca de lã; assim com a precaução mais proficua para conservar agradável calor á roupa recentemente engommada, é envolvê-la n'um cobertor, ou n'um bocado de flanela.

Como todos os corpos vivos produzem calor, e a lã conserva, e *abafa* esse calor, já se vê que previne os resfriamentos, e todos os accidentes que podem occasionar. A flanela, porém, tem ainda sobre os tecidos impermeaveis uma enorme, e preciosa vantagem; aspira e recebe a transpiração que se fórma mais ou menos abundantemente na superficie do corpo, deixando comtudo passar o ar necessario para que a pelle conserve todas as condições indispensaveis á boa hygiene.

Ao contrario de muitos medicos todas as vezes que Récamier, meu venerando mestre, aconselhava o uso da camiza de flanela, não se esquecia de recomendar que sómente se trouxesse de dia. Effectivamente trazendo vestida a flanela noute e dia renunciava-se a metade das suas apreciabilissimas vantagens. Usa-se da camiza de flanela sobre a pelle para que fiquemos ao abrigo das variações de temperatura. Ora, na cama, não se experimenta nenhuma d'estas variações: o meio é sempre o mesmo, as mesmas sensações, o mesmo calor! Logo para que havemos de conservar vestida a camiza preservadora? Conservando-a, neutralisamos-lhe os bons effeitos; o corpo identifica-se de tal sorte com esta segunda pelle artificial, que se torna quasi tão friorento e impressionavel como ella.

Entretanto, a nossa constituição fragil não consente mudanças subitas, como de salto. Não devemos, sem muitas cautellas, romper com certos habitos; por consequencia não pretendo de modo algum que as pessoas que comprehenderem o valor do meu conselho se conformem com elle sem circumspecção, despidendo já esta noute a camiza de flanela que usam continuamente ha muitos annos.

DR. J. MASSÉ.

#### NOVA CALEDONIA.

O grupo de ilhas da Nova Caledonia, de que os francezes tomaram posse ha pouco tempo, é situado entre 20 a 23 graus de latitude sul e 161 a 166 graus de longitude este de Paris. A ilha principal tem cerca de 100 leguas de comprimento sobre 15 a 20 de largo; é cortada em toda a sua extensão por uma cordilheira de montanhas fragosas; a vegetação é verdadeiramente tropical. Encontram-se n'estas ilhas o coqueiro, a arvore do pão, a bananeira, a lorangeira e a canna de assucar. Tambem ali se acham batatas communs e inhames em muita quantidade. Os mares da Nova Caledonia são mui piscosos. Os habitantes são negros, têm o cabello mui crespo, e parecem bastante robustos. Os homens cortam a barba, e as mulheres usam o cabello mui curto. São anthropophagos. As casas constroem-nas de troncos de arvores, cobrindo-as de folhas seccas, á maneira de cortiços. Navegam em canoas feitas de dous troncos de arvores tambem. Cook avaliou, no anno de 1764, a população d'estas ilhas em 50:000 habitantes; é

de presumir porém, que em similhante calculo haja alguma exaggeração.

#### THOMÁS MOORE.

Thomás Moore nasceu em 1779 na cidade de Dublin; seu pae, apesar de não ser abastado dos bens da fortuna, esmerou-se em lhe dar uma educação excellente. Foi no collegio da Trindade que se revelou a sua decidida vocação litteraria, mórmente para as representações scenicas. Comtudo, em despeito do talento que tão cedo manifestára o moço Moore, as honras universitarias eram-lhe interdictas; a carreira do fóro era a unica accessivel a um catholico pobre e irlandez, e por isso, completos os dezoito annos, partiu para Londres a fim de proseguir os seus estudos no Templo, para poder ser admittido a advogar.

Moore pertencia pelo berço á democracia, víra muitos dos seus amigos succumbirem no empenho de resuscitar a Irlanda; e todavia o mancebo sentia-se impellido para o mundo, para os seus successos deslumbrantes, e para os seus prazeres faceis. Lamentava profundamente a servidão da sua patria, e a miseria dos seus patricios; mas as paixões arrastavam-n'o para os saraus luxuosos, e para as glorias ephemerias que dispensam os poderosos da terra. Poeta e artista apropriou os estylos rusticos que ouvíra pelas choupanas e pelos campos da Irlanda, a versos graciosos, que pintam as delicias da patria, provocam a compaixão dos seus infortunios, e celebram a memoria dos seus heroes; mas estes cantos patrioticos abriram-lhe de par em par os paços dos vencedores; as taças enramadas de flores dos festins inebriaram-n'o, e Moore tornou-se o valido da aristocracia ingleza.

As suas *Melodias*, adaptadas ás cantigas populares da Irlanda, compostas de ordinario de tres coplas, serão sempre a seu mais formoso brazão litterario. A Irlanda e o seu bardo tornaram-se da moda. Buscado dos grandes, corypheu obrigado de todos os festins, apresentado ao principe regente, protegido por lord Moura, contou Moore demasiado nas promessas dos seus Mecenas; porque, depois de larga demora, só pôde obter o logar de fiscal das prezas nas Bermudas.

Nem o clima, nem os habitantes, nem as funções de similhante logar convinham a Thomás Moore; e por isso pouco tempo se demorou n'aquella colonia, e deixando um serventuario para o substituir, regressou a Inglaterra, onde o esperavam saudosos.

Então terminou e publicou as *Melodias nacionaes*, que foram acolhidas com universal applauso. Casou depois, e retirou-se para o campo, mas em breve fez imprimir a sua *Lalla Rook*, em tres episodios. Pelo manuscripto d'esta mimosa producção recebeu 3:000 libras, ou 13:500\$000 réis da nossa moeda. Dous opusculos politicos a *Pequena Posta* e a *Familia Fudge* tiveram geral acceitação. Estava preparando a vida de Speridan, e outras obras, quando de subito foi citado perante o tribunal de *Doctor's Commons* para pagar a importancia de uma riquissima preza de que o seu serventuario nas Bermudas se havia apropriado. Sem meios para satisfazer de repente a larga somma que lhe exigiam, descoroçoado por este repentino desastre, perdida a serenidade do animo, rejeitou os auxilios, aliás insufficientes, que lhe offereceram amigos e livreiros, sendo constringido a expatriar-se. A vida desde então correu-lhe peza-



(Casa onde nasceu Thomás Moore.)

da e triste, estranho contraste dos primeiros annos da sua gloria, e depois de ter perdido a estremecida esposa, uma filha adorada, um filho, a quem lord Byron legára as suas memorias, o poeta, inconsolavel, sobrevivendo á sua musa elegante e facil, finou-se no mez de fevereiro de 1852.

## EPHEMERIDES HISTORICAS.

## JUNHO 1

- 1533 — Anna Bolena é coroada rainha de Inglaterra.  
 1800 — Primeiros ensaios da vaccina por Jenner.  
 2  
 1442 — Tomada de Napoles por Affonso V de Aragão.  
 1525 — Francisco I rei de França chega a Madrid prisioneiro.  
 1793 — Proscrição dos Girondinos.  
 3  
 1588 — A esquadra hispano-portugueza, denominada *invencivel*, é dispersada e destruida por um temporal.  
 1803 — Occupação do Hanovre por Mortier.  
 4  
 1219 — Luiz IX desémbarca no Egypto.  
 1796 — Victoria ganha por Jourdan sobre os austriacos em Altenkirchen.  
 5  
 1520 — Revolta das comunidades de Castella dirigida pelo celebre Padilha.  
 6  
 1548 — Fallece em Gôa o honrado vice-rei da India D. João de Castro.  
 1808 — José Bonaparte é proclamado rei de Hespanha.  
 1762 — Morte do famoso navegador inglez Jorge Anson.  
 7  
 217 — Derrota do imperador Macrino por Ueliogabalo.

- 8  
 1668 — A junta ecclesiastica declara nullo o casamento de D. Affonso VI rei de Portugal.  
 9  
 68 — Morte do imperador Nero.  
 1517 — Fallece em Camaraiz Duarte Galvão chronicista-mór do reino, e embaixador de D. Manuel ao imperador da Abyssinia.  
 10  
 1585 — Declaração de Henrique de Navarra contra a liga.  
 11  
 1672 — Nasce Pedro o grande, czar da Russia.  
 12  
 1418 — Os parisienses levantam-se em favor de Isabel de Baviera, matando grande numero de partidarios dos Armagnacs.  
 1360 — Nasce o grande condestavel do reino D. Nuno Alvares Pereira.  
 13  
 1848 — Sublevação em Paris dirigida por Ledru Rollin e Luiz Blanc, e vencida pelo general Changarnier.  
 1769 — Submette-se a ilha de Corsega á França.  
 14  
 451 — O celebre Attila é desbaratado cerca de Châlons sobre o Marne.  
 15  
 1099 — Jerusalem é tomada pelos cruzados commandados por Godofredo de Bouillon.  
 16  
 1846 — Eleição do papa Pio IX; que actualmente preside á Igreja catholica.  
 17  
 1690 — Morte de J. Sobiesky, rei de Polonia.  
 1589 — Conquista de Angola.  
 18  
 1849 — As tropas russas unem-se ás austriacas, contra os húngaros sublevados.  
 19  
 1790 — São abolidas pela assembléa nacional de França todas as distincções da nobreza.